

AMAZÔNIDAS: as estratégias audiovisuais da Globo News na construção de um olhar sobre os sujeitos da Amazônia brasileira¹

AMAZÔNIDAS: Globo News' audiovisual strategies in constructing a view of the subjects of the Brazilian Amazon

Valéria Maria Vilas Bôas²
Aíla Cristhie dos Santos Cardoso³

Resumo: Ao tomar como ponto de partida para a nossa reflexão a série *Amazônidas*, produzida pelo canal de notícias Globo News por ocasião da realização da COP 30 no Brasil, buscamos exercitar um olhar analítico que observa as estratégias do jornalismo audiovisual a partir do modo como sua linguagem dialoga com a construção de sentidos sobre os sujeitos brasileiros e as mudanças climáticas. A partir de um mapeamento inicial sobre a cobertura do evento no Brasil, identificamos na série um deslocamento que, de modo geral, posiciona os sujeitos que habitam a Amazônia com uma centralidade ancorada em um território onde a vida cotidiana se desenrola. Nos interessa, portanto, observar de que modo esses sujeitos são construídos pela linguagem do jornalismo audiovisual a partir da premissa de que essa linguagem dialoga com saberes e poderes centrais para o modo como sujeitos entendem a si mesmos e aos outros e também para o modo como entendem sua ação no mundo.

Palavras-Chave: Telejornalismo. Globo News. *Amazônidas*.

Abstract: Taking as our starting point for reflection the series *Amazônidas*, produced by the Globo News channel on the occasion of COP 30 in Brazil, we seek to exercise an analytical gaze that observes the strategies of audiovisual journalism based on the way its language dialogues with the construction of meanings about Brazilian subjects and climate change. Based on an initial mapping of the coverage of the event in Brazil, we identified a shift in the series that, in general, positions the subjects who inhabit the Amazon with a centrality anchored in a territory where daily life unfolds. We are therefore interested in observing how these subjects are constructed by the language of audiovisual journalism based on the premise that this language dialogues with knowledge and powers that are central to the way subjects understand themselves and others, as well as the way they understand their actions in the world.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Televisão. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma Universidade. Doutora e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. valeriavilasboas@academico.ufs.br

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe. cristhieaila@gmail.com

Keywords: *Television journalism. Globo News. Amazônia.*

A cobertura jornalística das mudanças climáticas ganhou impulso no Brasil em 2025 por ocasião da realização da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP) de 2025 – a COP 30 – na cidade de Belém, no estado do Pará. Os principais jornais do país, a exemplo da Folha de São Paulo, Estadão e O Globo, fizeram coberturas especiais do evento e mantêm ativas em seus sites páginas que reúnem matérias e reportagens dedicadas às discussões pautadas pela reunião de líderes na Amazônia⁴. No jornalismo audiovisual, as coberturas e séries especiais também ganharam espaço, com a visibilidade da COP 30 possibilitando uma discussão mais ampla sobre crise e mudanças climáticas – em um mapeamento exploratório⁵, identificamos que o SBT Brasil fez uma série de cinco reportagens com Marcos Uchôa sobre a importância da Amazônia⁶; o Repórter Brasil, da TV Brasil, exibiu uma série produzida pela TV Cultura do Pará sobre os preparativos para a Conferência das Partes (COP) e uma edição especial do programa Caminhos da Reportagem intitulado “Amazônia: coração da COP30”⁷; o G1, site de notícias ligado ao grupo Globo fez uma série de 100 vídeos curtos bastante didáticos explicando temas relacionados aos debates da COP 30⁸ como o que é o efeito estufa, ou como roupas poluem o planeta; o Jornal Nacional da Rede Globo exibiu, na semana que antecedeu a conferência, uma série de cinco reportagens sobre o futuro do planeta com foco em uma discussão sobre a geopolítica das mudanças climáticas. Para além das ações ligadas a jornais tradicionais e canais de televisão e seus portais, é possível localizar ainda um grande número de vídeos relacionados ao tema em plataformas como Youtube e Instagram, o que evidencia a atenção do jornalismo brasileiro em torno do evento.

⁴ Essas páginas especiais podem ser acessadas em: <https://oglobo.globo.com/brasil/cop-30-amazonia/>
<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/cop30/>
<https://www.estadao.com.br/tudo-sobre/cop-30-conferencia-das-nacoes-unidas-sobre-mudanca-climatica/?srsltid=AfmBOorQdO35HcObTWkIczvgUdX7OCrq1xn7xPOA4Epcf6AYA1HhW04W>

⁵ Entre os recursos utilizados para localizar séries de reportagens produzidas pela televisão brasileira sobre mudança climática por ocasião da COP 30, o CHAT GPT foi utilizado como uma espécie de buscador através da pergunta “me ajude a localizar séries de reportagens de telejornais brasileiros sobre crise climática relacionadas à cop 30”. Em conjunto, foram feitas também buscas nos sites de emissoras, no Youtube e no Google para um mapeamento mais amplo.

⁶ Disponível em:

https://sbtnews.sbt.com.br/videos/cop-30-serie-do-sbt-brasil-mostra-importancia-da-amazonia-e-monitoramento-por-satelite-sbt-brasil?utm_source=chatgpt.com

⁷ Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/caminhos-da-reportagem/2025/11/amazonia-coracao-da-cop30>

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/cop-30/videos-100-cop>

Nesse conjunto de ações de cobertura, nos chamaram a atenção as estratégias construídas na série *Amazônidas*⁹, exibida pelo canal de notícias Globo News, ligado ao grupo Globo. A série, de dez episódios, cuja exibição do primeiro aconteceu no dia 05 de novembro de 2025 – às vésperas da conferência, que começou em 10 de novembro –, deu início à programação especial do canal na COP e foi veiculada a partir de dois programas: o *Conexão GloboNews*, exibido de segunda a sexta-feira das 09h30 às 13h; e o *Jornal das Dez*, principal produto da emissora, exibido diariamente a partir das 22h. No vídeo publicado no Instagram com a chamada para o primeiro episódio da série, ela é definida como “uma jornada profunda e sensível pelo coração da Amazônia, para revisitar personagens e histórias contadas em 2019, quando a equipe passou mais de um mês na região ouvindo os moradores sobre o futuro da floresta.”¹⁰

Embora a referência à série feita em 2019 seja muito presente tanto nos materiais de divulgação quanto na própria configuração da série gravada e exibida em 2025 – o roteiro parte das imagens e situações filmadas em 2019 como referência para voltar aos mesmos lugares e entrevistar, muitas vezes, as mesmas pessoas em 2025 – não encontramos o material mais antigo disponível para visualização nem no site da GloboNews, nem nos streamings e redes sociais citados¹¹. Na página da série “*Amazônidas*” no Globoplay¹², indica-se o material de 2025 como uma primeira temporada, sem vínculos anteriores, o que também indica um sinal interessante de sua autonomização enquanto produto audiovisual para além de sua vinculação inicial com uma exibição em tevê linear – o mesmo que ocorre com sua publicação no Youtube¹³. O perfil da Globo News no Instagram e no Youtube divulgou também um conjunto de cortes das reportagens¹⁴. Essa circulação para além do fluxo da

⁹ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=EyjoGO5ktQ4&list=PLULxNxxGuxhbcC2kBKy0gY8Q7nF95B59B> Acesso em 08 fev. 2026.

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DQrdtjFjb2I/> Acesso em 08 fev. 2026.

¹¹ Apenas uma menção à série de 2019 foi localizada no site da GloboNews, um vídeo em que o repórter Victor Ferreira aparece em uma passagem direto do Museu do Amanhã onde o primeiro episódio da série foi exibido por ocasião da realização do evento GloboLab Menos é Mais para discutir Sustentabilidade e Meio Ambiente. Em seu texto o repórter informa que a série estrearia em 03 de março, às 9:30 da noite. A página da série no canal (<https://g1.globo.com/globonews/amazonidas/>), contudo, não tinha nenhum episódio disponível na data acessada. Disponível em:

<https://g1.globo.com/globonews/amazonidas/video/evento-exibe-1o-episodio-da-serie-amazonidas-que-estreia-em-marco-na-globonews-8297652.ghtml> Acesso em 08 fev. 2026.

¹² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/amazonidas/t/yM6GcQ9PKV/> Acesso em 08 fev. 2026.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLULxNxxGuxhbcC2kBKy0gY8Q7nF95B59B> Acesso em 08 fev. 2026.

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DQrdtjFjb2I/>; <https://www.instagram.com/reel/DRSPHpHlZYm/?hl=pt>; <https://www.instagram.com/reel/DRUzteiDc39/>;

televisão linear não só aponta para uma participação do consumo em vídeo a partir de diversos dispositivos ligados¹⁵, mas também para uma consolidação da participação da audiência como dispositivo do consumo audiovisual por meio de elementos de interação disponibilizados para as plataformas como botões de engajamento e comentários.

Ao tomar esse série como ponto de partida para a nossa reflexão, buscamos exercitar aqui um olhar analítico que observa as estratégias do jornalismo audiovisual não apenas a partir de sua dimensão técnica, como procedimento, mas acentuar a sua dimensão de linguagem: nos interessa entender como escolhas técnicas operadas pela dimensão audiovisual e jornalística do produto indicam não apenas estratégias visuais e narrativas, mas o seu enlace com a construção de sentidos culturais e fazem parte, dessa forma, da disputa por hegemonia de determinados valores em torno de modos de ser dos brasileiros. Nesse sentido, o nosso recorte privilegia uma especial atenção ao modo como sujeitos são postos no centro dessa cobertura – quem são e quais papéis são atribuídos nessa série aos sujeitos amazônidas?

Desastres e riscos: a cobertura jornalística sobre mudanças climáticas

No ano em que o Brasil sediou a COP30, seria esperada uma cobertura ampla e consistente de temas climáticos pela televisão aberta e por canais de notícias. No entanto, dados do relatório “Mapeamento da desinformação climática na mídia tradicional da França e do Brasil” (Data for Good; Quotaclimat; Science Feedback, 2025), produzidos entre abril e setembro de 2025, indicam que emissoras como Globo, Record, SBT, Band, Jovem Pan e CNN Brasil dedicaram menos de 1% do tempo de sua cobertura jornalística às mudanças climáticas. O dado revela uma discrepância significativa entre a centralidade do debate climático no cenário internacional, a sede da conferência no país e sua presença efetiva na agenda televisiva nacional – ainda que haja picos de atenção durante eventos extremos ou nas semanas da COP, a cobertura tende a ser episódica e concentrada na cobertura de desastres,

<https://youtu.be/02csMaOomY8?list=PLUlxNxxGuxhbcC2kBKy0gY8Q7nF95B59B;>

<https://youtu.be/-3chf2LbwnY?list=PLUlxNxxGuxhbcC2kBKy0gY8Q7nF95B59B;>

<https://youtu.be/OLg8VIm0drY?list=PLUlxNxxGuxhbcC2kBKy0gY8Q7nF95B59B;>

<https://www.youtube.com/shorts/zXI6-v0nQig?feature=share;>

<https://www.youtube.com/shorts/6vxjRLRonO0?feature=share> Acesso em 08 fev. 2026.

¹⁵ <https://kantariibopemedia.com/audiencia-de-video/> Acesso em 08 fev. 2026.

voltada para marcadores temporais de futuro, sem continuidade analítica e pouco aprofundamento didático.

Observa-se também um distanciamento narrativo em relação à população afetada. A representação imagética frequentemente privilegia cenas genéricas como praias durante ondas de calor, em vez de retratar os sujeitos, como os trabalhadores expostos, populações periféricas ou comunidades impactadas por enchentes, secas, queimadas, deslizamentos e desmatamentos. Segundo a análise do relatório, a baixa centralidade do tema no noticiário brasileiro está relacionada à predominância de um discurso que subordina a agenda climática ao imperativo do crescimento econômico, além do enquadramento das questões socioambientais como controversas ou politicamente sensíveis, principalmente, quando envolvem conflitos territoriais, povos tradicionais e modelos de desenvolvimento (Data for Good; Quotaclimat; Science Feedback, 2025).

Além disso, a forte presença de patrocínios empresariais na cobertura sobre a COP30 intensifica questionamentos sobre possíveis conflitos de interesse e sobre os enquadramentos editoriais adotados pelos veículos. Levantamento feito pelo Intercept Brasil mostra que grandes corporações com histórico de impactos socioambientais figuram entre as principais financiadoras da cobertura, com empresas do setor de mineração, alumínio, agropecuária, papel e celulose. Também constam na lista companhias envolvidas em condenações judiciais por desastres ambientais e em denúncias de violações de direitos de comunidades tradicionais. Ao todo, dezenas de entidades privadas patrocinam veículos nacionais e regionais durante a conferência. Ainda que os contratos não impliquem, formalmente, interferência no conteúdo, a dependência financeira de anunciantes com interesses diretos na agenda climática pode tensionar a autonomia editorial e influenciar prioridades narrativas.

Ao observar a literatura especializada sobre a cobertura jornalística de mudanças climáticas no Brasil, é possível perceber de um lado uma preocupação em torno do modo como se dá a cobertura de grandes desastres ambientais como enchentes, deslizamento de encostas, rompimento de barragens (Vaz; Rony, 2011; Loose; De Moraes; Massierer, 2021; Amaral; Ascenio, 2015; Pinheiro, 2025; Delevati; Amaral, 2013) e, por outro, com a responsabilidade social do jornalismo na comunicação de riscos e prevenção das consequências dessas mudanças (Loose, 2019; Loose; De Moraes; Massierer, 2021; De Moraes, 2017; Luíndia; Corradi, 2013). Como destacam Loose, Moraes e Massierer (2021, p. 40), “os próprios critérios de noticiabilidade (associados à morte, às tragédias, aos desastres,

ao drama humano, dentre outros) nos conduzem a entender que os riscos sempre terão grande probabilidade de ter espaço na imprensa, mas, na verdade, a cobertura dos riscos é bastante seletiva.” A partir de uma ampla revisão de literatura sobre a comunicação de riscos e de desastres ligada à discussão sobre mudanças climáticas, as autoras salientam que os aspectos ligados à educação e prevenção tendem a ser negligenciados em favor de uma cobertura que dá mais atenção a eventos singulares, com uma transformação que chama atenção ao longo do tempo:

(...) relatos das tragédias, feitos de forma generalizada e com foco em alguns testemunhos anônimos, estão sendo substituídos por matérias que se ancoram nas vítimas, ou seja, elas passaram a ter uma visibilidade diferente. As fontes não são mais anônimas: suas histórias são relatadas de forma detalhada e a mídia as divulga de modo a realçar como eram felizes até o desastre (Vaz e Rolny, 2010). Amaral e Lozano (2015) analisam o papel dos testemunhos no caso da cobertura de catástrofes, mas não aprofundam a questão conceitual e teórica da comunicação de riscos. (Loose, Moraes e Massierer, 2021, p. 41)

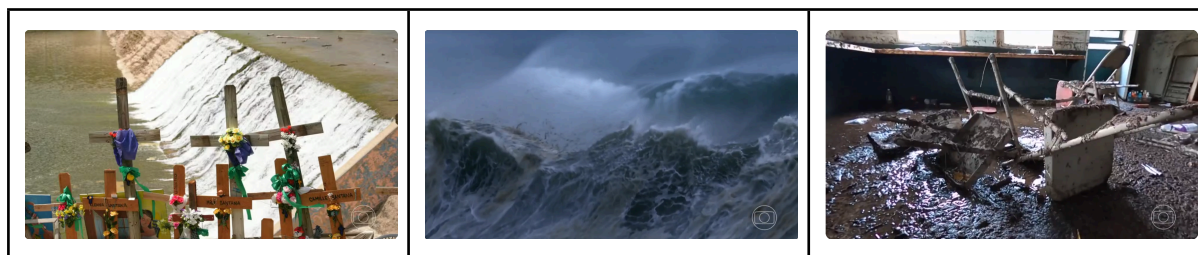
Em outro artigo, de 2019, Loose indica que a abordagem global e sem associação com o cotidiano, além das explicações muitas vezes superficiais ou técnicas – estratégias muito presentes na cobertura do tema – desconecta o público. Nesse sentido, a autora argumenta que a cobertura da pauta climática deve engajar o público para o exercício da cidadania e que o jornalista pode ser um ator capaz de intervir na sociedade, mas salienta que esse tipo de proposta sofre críticas daqueles que acreditam que o jornalismo precisa agir de modo objetivo e imparcial (Loose, 2019).

O mapeamento inicial que fizemos da cobertura jornalística sobre a COP revelou uma sintonia com essa perspectiva que as autoras destacaram em 2021: embora a discussão central sobre mudança climática ainda privilegie uma leitura abstrata, que fala de dados científicos e disputas políticas e que distancia o tema do cotidiano seja pelo acento em um tempo futuro em que as mudanças climáticas precisarão ser controladas ou pelo tratamento do tema a partir de uma perspectiva global, parte dos materiais que mapeamos na cobertura brasileira da COP pelo jornalismo televisivo ancora o seu enquadramento a partir de experiências de sujeitos reais.

Exibida na semana anterior à COP30 e encerrada durante a Cúpula do Clima – evento restrito a delegações e preparatório para a Conferência das Partes – a série especial “O Futuro do Planeta” do Jornal Nacional, da Rede Globo, começa seu primeiro episódio narrando a história de Cile Steward, de oito anos, desaparecida na enchente de 4 de julho de 2025, no

Texas, Estados Unidos. Ao depoimento da mãe de Cile, seguem depoimentos de outras pessoas afetadas pelas enchentes que dão ênfase à sua condição de vítimas da falta de ação governamental (Vaz e Rony, 2011). Ao fazer a escolha recorrente dos Estados Unidos como eixo narrativo central, contudo, a série revela um enquadramento que desloca o debate do país-sede da COP e das realidades brasileiras, ao privilegiar uma leitura geopolítica e da crise em detrimento de abordagens territoriais e sociais da população no Brasil. Nos episódios seguintes, a centralidade estadunidense se mantém e a crise climática passa a operar como variável estratégica da competição entre potências, subordinada a interesses econômicos, petróleo e inovação industrial. Ainda que o conteúdo seja consistente, a ênfase geopolítica reduz o espaço para discutir desigualdades socioambientais brasileiras, adaptação climática em cidades vulneráveis ou os impactos e soluções já vivenciados por populações periféricas, tradicionais, quilombolas e indígenas. Mesmo quando aborda temas contemporâneos, como inteligência artificial e data centers, a série privilegia infraestruturas e disputas globais, sem articular o debate à expansão desses empreendimentos no território nacional.

Do ponto de vista imagético e narrativo (Figura 1), predomina na série do JN um regime visual centrado em geleiras derretendo, florestas em chamas e paisagens devastadas, que compõem uma estética da catástrofe, desloca o sofrimento para a natureza como entidade abstrata e alimenta uma perspectiva desesperançada sobre o futuro. As pessoas aparecem de forma episódica e individualizada, sobretudo como vítimas ou fontes especializadas, raramente como sujeitos coletivos inseridos em processos de desigualdade ambiental. Alinhado a isso, o enquadramento temporal que insiste no “futuro do planeta” atua na projeção dos impactos para um horizonte adiante e dilui a urgência do presente. O resultado é uma cobertura que opera três formas de afastamento: geopolítico, ao centralizar o Norte Global; temporal, ao postergar a gravidade para o futuro; e subjetivo, ao não implicar a população brasileira como parte constitutiva e vivenciadora das mudanças climáticas. Ainda que relevante na agenda, a série pouco aproxima o debate da experiência cotidiana dos espectadores no Brasil.



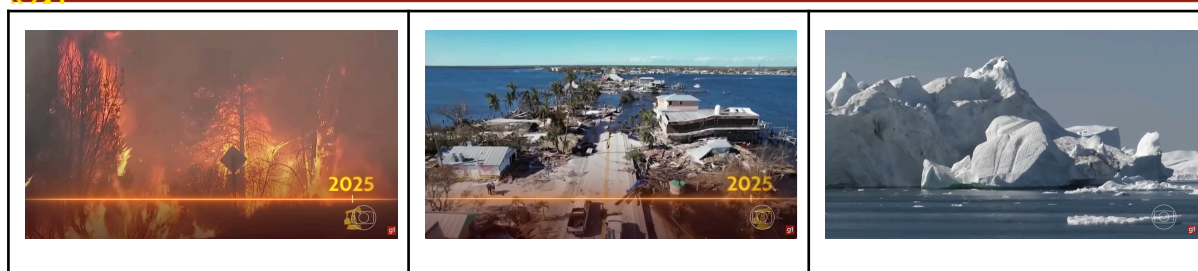


FIGURA 1 – Imagens da série “O Futuro do Planeta” do Jornal Nacional

FONTE - Globoplay

Na série exibida pelo SBT Brasil, o território nacional ganha destaque com reportagens construídas a partir de espaços como Belém ou Paraisópolis e as menções ao modo como as situações do clima afetam as pessoas são recorrentes em frases como “para muita gente a constatação de que a chapa tá quente é sentida na pele”; ou o relato de uma moradora de Belém sobre situações de incêndio nas casas por curto circuito em razão do uso maior de ventiladores, o que leva o repórter Marcos Uchôa à afirmação de que “para quem é pobre, um abstrato aquecimento global pode virar um concreto incêndio local que destrói tudo (...)”. Apesar das menções a situações concretas e cotidianas, a reportagem dá ênfase em dados, resultados de pesquisa e tecnologia como discurso de autoridade centralizador da discussão sobre clima. No encerramento do primeiro episódio, ao trazer novamente os cidadãos de Paraisópolis para o texto, o faz a partir de uma espécie de responsabilização que julga a ação humana como desastrosa em relação à natureza ao citar pessoas que passeiam por ali com cachorros da raça Husky, originária de climas frios e forçados a se adaptar ao calor brasileiro: “Ali mesmo, pessoas compraram Huskies (...). Imagine como deve ser insuportável para eles, se já é para nós. Um tipo de falta de bom senso da natureza [*pausa dramática*] humana (grifo nosso).” O destaque da pauta na primeira reportagem da série¹⁶ é para a tecnologia como solução para a resolução dos problemas do clima a partir do uso de satélites para monitoramento para acompanhar mudanças climáticas e os seres humanos, quando citados, são aqueles que foram “destruindo e influenciando nas mudanças climáticas”. Outra abordagem que nos chama atenção aparece no quarto episódio da série¹⁷, quando Marcos Uchôa argumenta que “(...) pra quem é pobre na Amazônia, e mesmo por todo Brasil, tudo isso pode parecer muito distante. É difícil se pensar no fim do mundo quando a principal preocupação é o fim do mês”, ainda que cite no mesmo episódio dados de uma pesquisa que

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EFKEq-07wdc> Acesso em 08 fev. 2026.

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V02JaNfmsyc> Acesso em 08 fev. 2026.

indica que o meio ambiente é uma grande preocupação para evangélicos, principalmente os mais pobres. Nesse sentido, é a reportagem que constroi uma hierarquia em que as questões econômicas ganham relevância no quadro de questões sociais. Em relação ao regime de imagens (Figura 2), predominam ora imagens da natureza, a partir da exuberância das florestas, com tomadas aéreas ou contra-plongées que evidenciam o verde e as águas; ora, imagens de intervenções e desastres, reforçando não só um discurso de necessidade de ação para a preservação, mas, sobretudo, de responsabilização humana. Nessas imagens, a natureza também surge quase sempre isolada, sem interação visível com sujeitos ou entornos urbanos – que sofrem as consequências do que se faz a ela, sem que sejam vistos como parte do que a constitui.

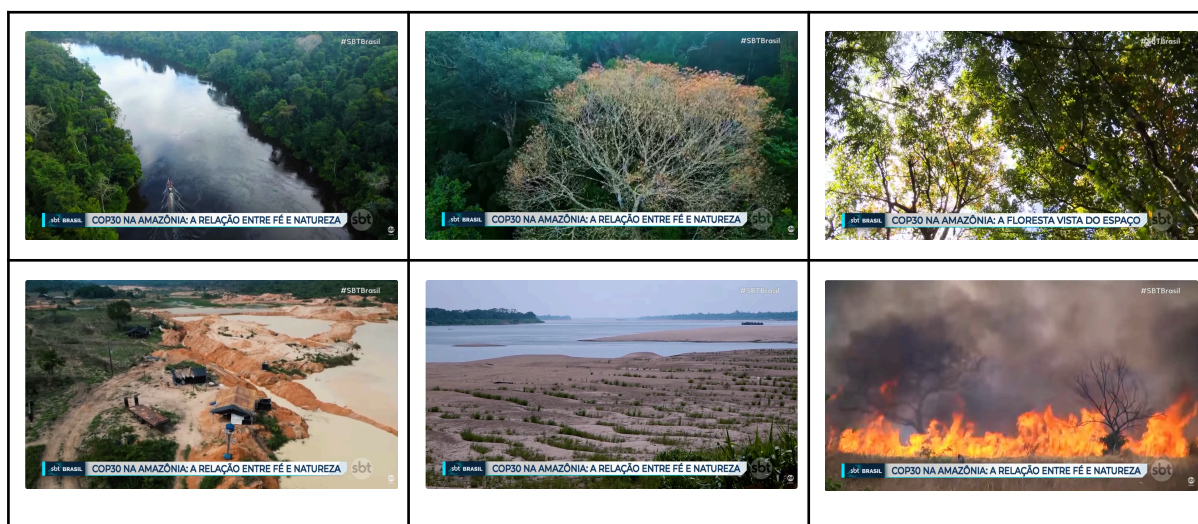


FIGURA 2 – Imagens da série do SBT Brasil sobre a COP 30
FONTE - Youtube

Os dois exemplos citados evidenciam um recorte de tratamento do tema que, ainda que parta das histórias de pessoas comuns, não toma a estratégia de humanização do relato como organizadora da abordagem jornalística: as histórias de famílias devastadas com suas perdas e dos acidentes cotidianos são exemplos tanto do que atesta o discurso científico quanto da falta de ação dos governos em relação à prevenção e mitigação dos danos ou mesmo em relação à resolução das desigualdades sociais. De modo coerente com o que afirmam Vaz e Rony (2011, p. 221) as séries, “orientam nossa compaixão para indivíduos concretos, falando do passado das vítimas – o que faziam e algumas características de sua personalidade – e como sua morte destruirá o futuro de seus próximos.” Os sujeitos citados nas reportagens, contudo, não são agentes, mas vítimas de situações maiores que eles e a



respeito das quais não teriam ingerência. As mudanças climáticas aparecem, mais uma vez, distantes, sobretudo do ponto de vista geográfico, social e temporal.

No artigo de Vânia Costa (2021), que analisa as séries televisivas da TV Globo sobre a Amazônia, afirma que “o telejornalismo analisado é tecido, enquanto narrativa, a partir de discursos hegemônicos que conformam a Amazônia à periferia do Brasil” (2021, p.19), o que reitera um olhar centrado no Sudeste que projeta sobre a região enquadramentos externos, muitas vezes marcados por uma lógica de exotização ou distanciamento. Essa leitura dialoga com a constatação de que o território amazônico tende a ser representado como paisagem, fronteira de recursos ou cenário de conflitos ambientais, enquanto os sujeitos amazônidas aparecem de forma secundarizada, episódica ou ilustrativa, raramente reconhecidos como intérpretes do seu local. A mediação do discurso especializado, ao privilegiar autoridades externas em detrimento de saberes dos amazônidas, reforça um descompasso entre território e narrativa e contribui para a produção de uma Amazônia falada “de fora para dentro”. Ao analisar a série *Amazônidas*, é possível identificar tanto continuidades com esse padrão, sobretudo quando especialistas externos assumem centralidade na explicação técnica dos fenômenos, quanto possíveis rupturas, principalmente nos momentos em que experiências cotidianas, memórias e percepções de sujeitos amazônidas tensionam o enquadramento hegemônico e reposicionam a crise climática como experiência vivida no presente, e não somente como problema abstrato ou geopolítico.

Nesse cenário mapeado, destaca-se o tratamento da pauta feito pela série para a qual se volta o nosso olhar a partir daqui, a já citada *Amazônidas*, da Globo News. Desde o título, os sujeitos que habitam a Amazônia surgem com uma centralidade ancorada em um território onde a vida cotidiana se desenrola, promovendo uma mudança na narrativa mais comum das pessoas ou como destruidoras da natureza ou como vítimas dos impactos de ações desastrosas e da inação de governos. Em nossa análise, nos interessa observar especialmente: de que modo esses sujeitos são construídos pela linguagem do jornalismo audiovisual? Como o território que compõem e habitam se revela? Que laços se constituem na relação com sua cidadania no território brasileiro? Que tempo habitam os amazônidas? Partimos aqui da premissa de que a linguagem do jornalismo audiovisual – cuja convenção é atravessada por relações de poder de distintas dimensões – dialoga com saberes e poderes centrais para o modo como sujeitos entendem a si mesmos e aos outros e também para o modo como entendem sua ação no mundo.

“Debaixo dessa floresta tem gente”

No texto de abertura do primeiro episódio de *Amazônidas*, imagens gravadas em 2019 e 2025 (Figura 3) são exibidas com uma edição que mescla uma sequência diversa de situações em que o repórter Victor Ferreira narra o texto que diz: “a gente começa hoje uma expedição de 32 dias pela Amazônia. Vamos percorrer mais de dez cidades para contar histórias de pessoas que nasceram e que vivem aqui. A gente vai conhecer as pessoas pelo caminho, descobrir a Amazônia e entender qual o futuro da maior floresta tropical do mundo. Seis anos depois, o futuro é agora. Enquanto o mundo discute aqui na COP 30 a ameaça climática ao planeta, a Globo News mostra as soluções que a Amazônia pode oferecer ao mundo.” A passagem de seis anos entre as reportagens feitas pelo mesmo repórter em duas ocasiões ligadas à Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima configura o modo como a pauta da série se organiza e revela também uma mudança importante no enquadramento discursivo: ainda que a centralidade dos sujeitos se mantenha, o futuro deixa de ser algo distante e passa a posicionar o território amazônico – costumeiramente visto como ligado a um passado atrasado – como capaz de oferecer saídas para os problemas do clima no presente.

A noção de desastre não é convocada nesta série como organizadora do interesse. É nas experiências cotidianas da população que se buscam respostas para mitigar a emergência de riscos relacionados ao clima. Na sequência da abertura, o texto de repórter continua enquanto diversos rostos de cidadãos do território amazônico são exibidos em primeiro plano (Figura 3), rompendo com a tradição imagética de paisagens vazias ou de devastação. A voz off do repórter pergunta “Quem nasce na Amazônia é o quê?” As respostas surgem nas vozes em off dos próprios cidadãos, operando um gesto de subjetivação: ao colocar os próprios moradores para responder, “amazônida”, “indígena”, “guardião da floresta”, “ribeirinho”, “resistência”, o programa constrói uma identidade coletiva afirmativa, que contrapõe a enquadramentos que reduzem a Amazônia a uma natureza não habitada. Aqui, o território é inseparável de seus habitantes. A estratégia produz identificação e aproximação e desloca o espectador da posição de observador distante para a de interlocutor de sujeitos concretos. A

promessa da série é voltar o seu olhar para os modos de ser e viver dos habitantes da maior floresta tropical do mundo.

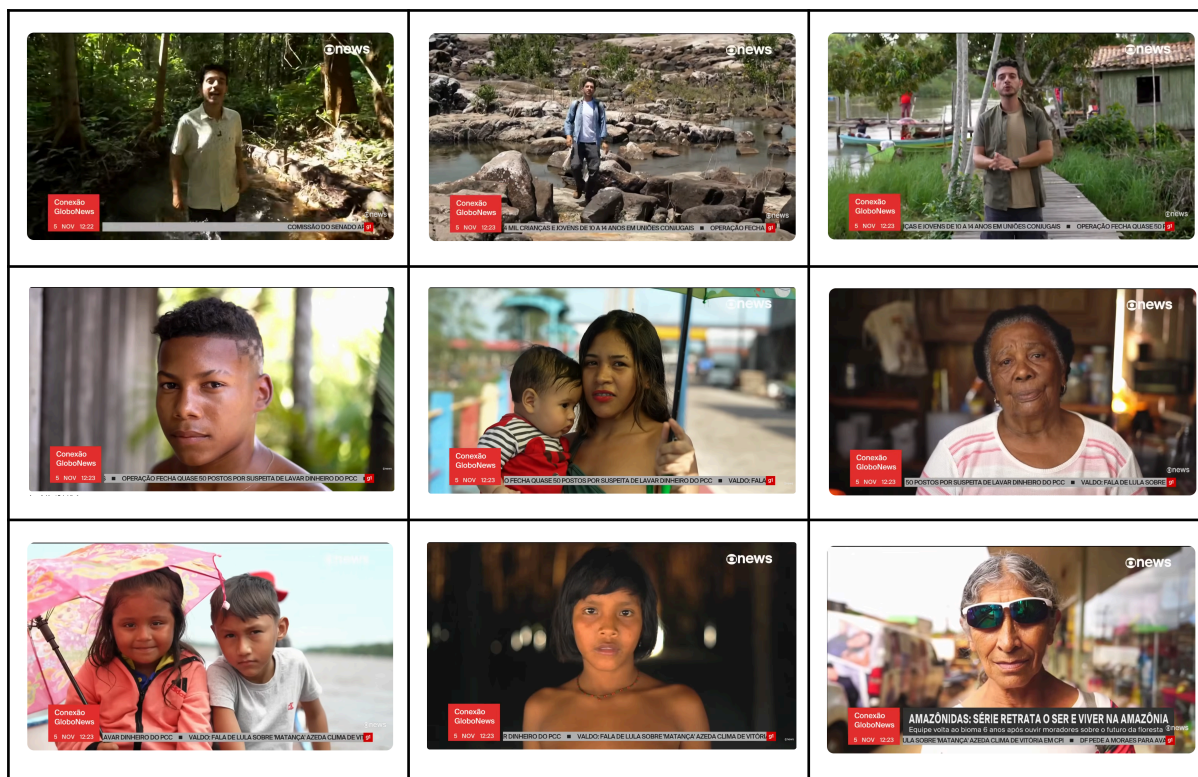


FIGURA 3 – Imagens da abertura da série Amazônidas
FONTE - Youtube

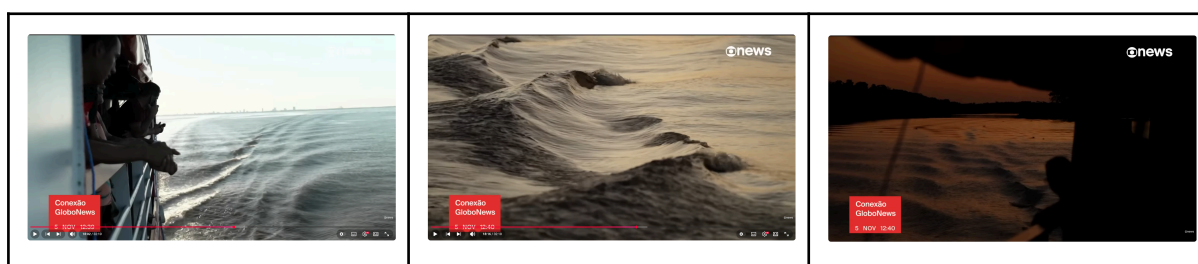
É interessante observar que também a chamada institucional da Globo News para a sua cobertura da COP 30 posiciona a pauta a partir de um lugar específico. No vídeo de 30 segundos¹⁸, em que os seus apresentadores aparecem tendo cenários da cidade de Belém do Pará como fundo, o jogral de vozes lê o seguinte texto: “As mudanças climáticas afetam todo mundo no mundo todo. Quem pode agir para mudar? Quem sofre os maiores impactos? Quem tem voz nas decisões? Como cada um pode contribuir? O Brasil tem um papel estratégico. O mundo já está olhando pra cá. E a gente vai estar na COP 30. O mundo se encontra na Amazônia, COP 30 no Brasil, na GloboNews.” O que surge no centro dessa promessa são as pessoas, sejam elas vítimas ou agentes com poder de decisão ou ação.

Na série de reportagens essa centralidade dos sujeitos também comporta tensões: a narrativa oscila entre posicionar os amazônidas como vítimas da negligência histórica do Estado e como detentores de saberes fundamentais para a transformação ecológica. Essa ambivalência dialoga com uma tônica recorrente no jornalismo climático contemporâneo, que

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dm3RZRaiSy8> Acesso em 21 fev. 26

ora responsabiliza indivíduos por comportamentos ambientais, ora os retrata como passivos diante de forças estruturais globais. Outra dinâmica que dá base a essa oscilação é uma compreensão do território amazônico como uma grande riqueza brasileira cujos modos de vida constituem uma dimensão privilegiada da cultura e identidade nacionais, mas que é, ainda assim, um outro – é preciso apresentar os amazônidas aos brasileiros. Mesmo que a Amazônia Legal contemple a maior parte do território do Brasil, cerca de 58,9%, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁹.

No primeiro episódio, exibido às vésperas da COP30, a série explicita um movimento interessante de configuração do espaço amazônico ao contrastar o espaço das conferências internacionais com o cotidiano de comunidades como Afuá (PA) e a escola Boa Vista, em Santarém (PA). Enquanto o debate global discute metas de redução de emissões, a reportagem pergunta que soluções o Brasil oferece para garantir água potável, energia e educação às populações amazônicas. Trata-se de um deslocamento relevante: a crise climática não é apresentada apenas como fenômeno atmosférico, mas como problema social que atravessa desigualdades. Ao colocar crianças, professoras e moradores no centro do quadro, a narrativa aproxima o espectador da materialidade dos impactos. Durante toda a série, isso se traduz imgeticamente em um espaço de floresta habitada, com pólos urbanos movimentados que representam uma floresta povoada (Figura 4). Esse regime visual contrasta com aquele observado nas séries do Jornal Nacional e do SBT, afinados a uma visualidade já consolidada sobre a floresta como território majestoso onde uma natureza intocada impera ou a uma representação da mudança climática a partir dos desastres naturais e da intervenção humana sempre maléfica.



¹⁹ Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/quadrogeografico/pdf/2022_040_amazleg.pdf. Acesso em 22 de fev.26

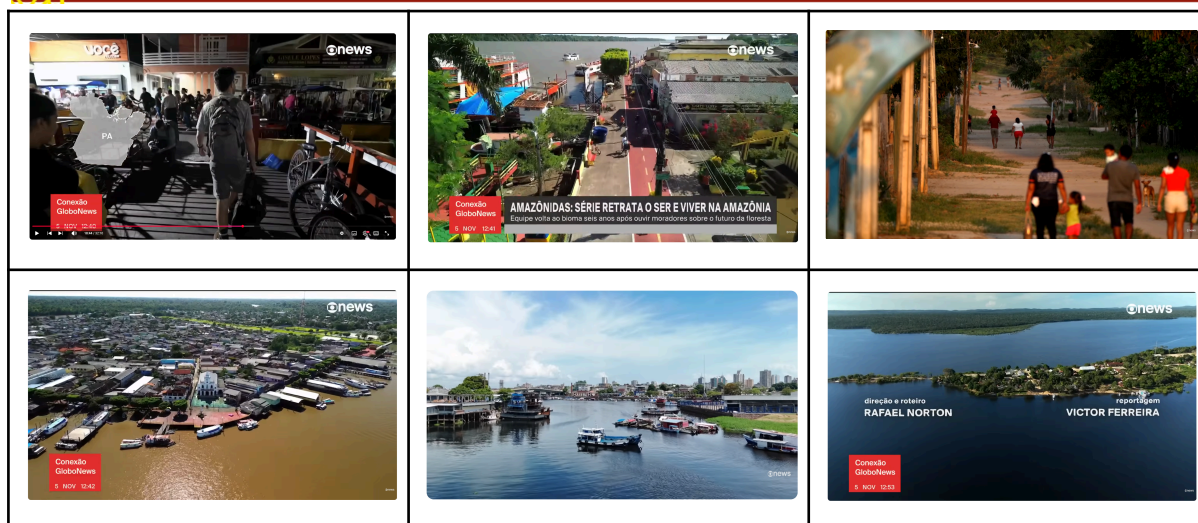


FIGURA 4 – Imagens da série Amazônidas
FONTE - Youtube

O povoamento da Amazônia, por outro lado, coloca um dilema para a posição construída para seus habitantes nas reportagens que ressaltam a precariedade como condição central de suas vidas: a ausência de infraestrutura, os baixos índices de desenvolvimento humano e a instabilidade dos serviços públicos aparecem como marcas constantes. Embora essa exposição seja fundamental para denunciar desigualdades, ela pode reforçar a imagem da Amazônia como espaço carente, dependente de soluções externas. A tensão entre denúncia e vitimização é um dos eixos estruturantes da série: ao mesmo tempo em que reconhece a potência dos amazônidas, a narrativa recorre reiteradamente à pobreza e à vulnerabilidade como elemento que os coloca na posição daqueles que precisam ser tutorados - pelo estado, pela polícia, por profissionais que vêm de fora do território, pelo próprio jornalismo.

Uma situação do segundo episódio parece exemplar aqui. Ao ser entrevistado pelo repórter Victor Ferreira, o médico Eugênio Scannavino, fundador e coordenador da ONG Saúde e Alegria – estratégia que foi encampada pelo SUS como ação de saúde no território amazônico – questiona: “Então, se a Amazônia cuida do planeta, quem cuida da saúde da Amazônia?” A construção da entrevista nos chama atenção do ponto de vista do modo como a cena é organizada: a voz de autoridade do médico é atestada pela apresentação que a reportagem faz dele e pelo gerador de caracteres que lhe identifica a partir de sua especialidade profissional, mas Eugênio não está em um consultório, não veste jaleco ou terno, posturas geralmente associadas à prestigiosa profissão que exerce, mas está de camiseta, com colares, na beira do rio (Figura 5). O lugar escolhido para sua entrevista e a performance que ele assume não remetem a uma autoridade formal, localizada a partir da

institucionalidade de um hospital, mas se enquadram a partir da relação com o rio e com a população, que lhe cerca na UBS prestes a ser inaugurada. O médico segue sua fala: “Quem cuida da saúde da Amazônia são os povos que estão aqui defendendo a floresta para todos nós. Só que eles vivem em uma situação de vulnerabilidade muito grande. Os indicadores sociais da Amazônia são os piores do Brasil. Quando você vacina uma criança, você está defendendo o planeta, com esse conceito de que estamos ajudando os verdadeiros guardiões da floresta a sobreviver e defender isso por todos nós”.

Há, em sua fala, uma discussão sobre desigualdade, sobre falta de proteção governamental, mas o enquadramento oferecido pela fonte não parte de uma ideia dos amazônidas como aqueles que não têm recursos de nenhum tipo e que por isso precisam ser salvos – em primeiro lugar, são os habitantes da floresta que cuidam do bioma, que protegem o ecossistema. As questões econômicas e sociais são enquadradas a partir daí, do reconhecimento de sua ação no mundo, de seus saberes. O médico, que chega de fora, se posiciona como coadjuvante: “Essas pessoas são muito guerreiras, muito batalhadoras e a gente apoiar elas para que elas possam crescer mais, ter voz, defender a floresta que é deles, defender a cultura que é deles, a sabedoria deles pra gente, eu acho que isso aí é que dá alegria, dá felicidade, dá senso de missão de vida”. Essa orquestração das relações, contudo, não esconde uma divisão entre um nós – que o médico partilha com o repórter como alguém de fora do território e com todos aqueles que terão o benefício da floresta preservada – e um eles – os amazônidas cujas imagens em primeiro plano aparecem na edição cortadas à voz off do entrevistado. Após a fala de Eugênio, o repórter diz: “Eu acho que uma coisa que vocês nunca vão conseguir medir que é quando uma comunidade ou uma família passa a compreender o que é ter dignidade e não aceitar mais o que era antes, isso é imensurável, não tem como medir isso.” A ideia de que a dignidade é trazida de fora é fundadora do comentário do repórter, a quem o médico responde, em uma contestação sutil: “E é um povo digno”. A floresta aqui deixa de ser apenas provedora de serviços ambientais e passa a ser espaço de direitos. A associação entre vacinação infantil e defesa do planeta reconfigura a agenda climática em chave social. Aqui, os sujeitos não são apenas impactados; eles sustentam, com seu trabalho e sua permanência no território, a própria estabilidade climática global. A estratégia audiovisual reforça essa ideia ao acompanhar reencontros, trajetórias familiares e consequências de longo prazo, o que confere espessura temporal à narrativa.

Na inauguração da UBS de São Miguel do Arapiuns, vemos a fita ser cortada por um conjunto de pessoas – Eugênio, o médico, Caetano Scannavino, o coordenador da ONG Saúde e Alegria, e por pessoas que nos parecem fazer parte da comunidade local, evidenciando uma integração entre os profissionais de saúde e a população local (Figura 5). Na porta do prédio novo, um conjunto de populares acompanha o momento. Quando perguntado sobre as soluções que a Amazônia tem a oferecer para o planeta, o coordenador da ONG responde: “Parte da escuta desse povo que mora na floresta, e debaixo dessa floresta tem gente”. Esse povo, contudo, não é convocado como aquele que pode falar sobre sua própria saúde, função atribuída aos especialistas de fora do território. Esse movimento se repete ao longo da série, ainda que haja ampla presença de amazônidas nos episódios, quando o tema assume um enquadramento técnico ou “especializado”, a palavra tende a ser deslocada para fontes externas. Assim, consolida-se uma hierarquia discursiva em que os sujeitos do território são reconhecidos como testemunhas da experiência, contudo, raramente como intérpretes qualificados das questões complexas que também atravessam seu cotidiano.

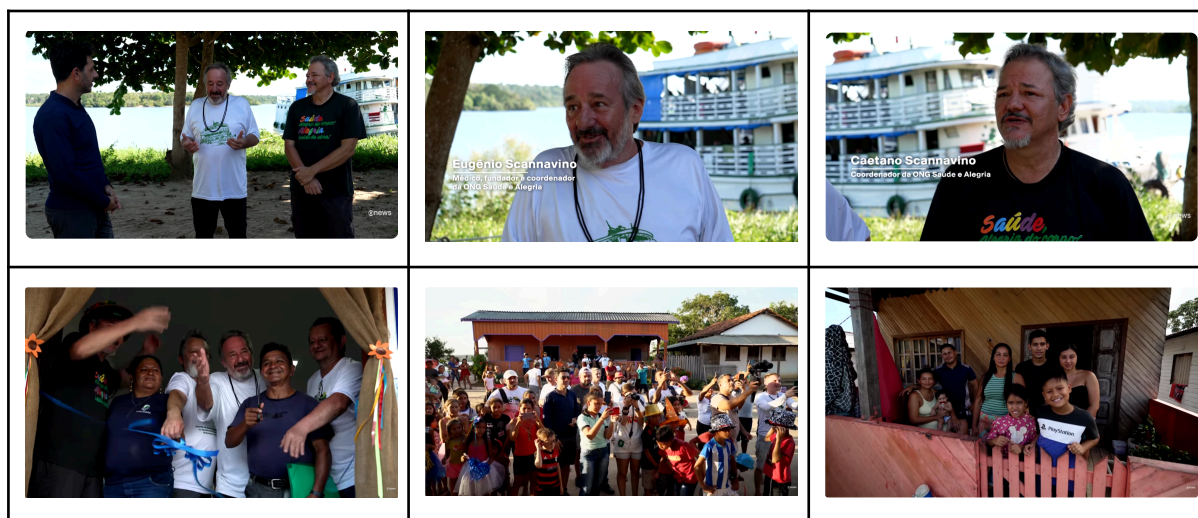


FIGURA 5 – Imagens da série Amazônidas
FONTE - Youtube

Nos episódios dedicados à economia do açaí, à bioeconomia e às cooperativas extrativistas, a série desloca o foco da vulnerabilidade para a agência. Pessoas como Bartolomeu, agricultor de açaí, Vagner, empreendedor ribeirinho que desenvolve produtos sustentáveis a partir da extração de óleo de andiroba e do murumuru, ou Jesui, um agricultor nativo da região da floresta que tira o sustento da família da produção de farinha de mandioca, são apresentadas como agentes econômicos que articulam sustentabilidade,

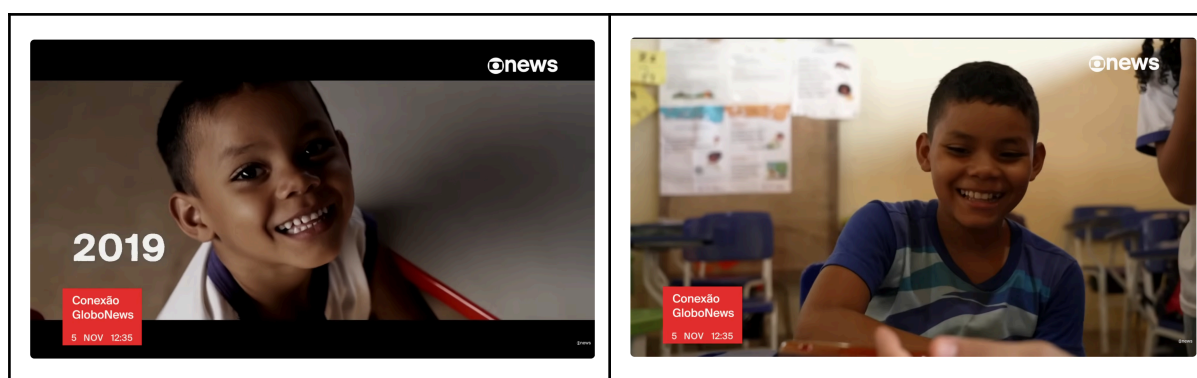
geração de renda e melhorias de vida para suas famílias e suas comunidades. É seu Bartolomeu que responde ao repórter porque o açaí é uma cultura melhor pra floresta do que soja e milho: “A gente consegue diversificar e manter parte da floresta em cima, árvores. No caso pra soja a gente tem que desmatar tudo”. A defesa da floresta em pé emerge como racionalidade produtiva, não como obstáculo ao desenvolvimento. Ainda assim, a série recorre à entrevista do climatologista Carlos Nobre como se fosse necessário um aval técnico para legitimar o que já havia sido afirmado por Bartolomeu. Nobre destaca que cooperativas da floresta são mais lucrativas que a soja e a pecuária, “Elas mantêm a floresta, mantêm os serviços ecossistêmicos, empregam mais gente, melhoram a vida”. Embora os dados ampliem o argumento, a montagem sugere uma ordenação desigual das vozes. O saber da experiência aparece como relato, enquanto a sobreposição para o especialista ocupa o lugar de validação. Esse recurso atua como uma hierarquia narrativa dos saberes sobre a Amazônia.

Em relação ao audiovisual, as cenas de colheita, beneficiamento e circulação de produtos constroem uma imagem de dinamismo e profissionalismo, ao contrário do estereótipo de atraso. Nesse ponto, a série opera uma importante estratégia discursiva momentânea: os amazônidas deixam de ser apenas afetados pela crise climática ou pela vulnerabilidade social e passam a ser propositores de alternativas. Seis anos depois, em 2025, Bartolomeu e seu filho continuam trabalhando com o açaí, mas mudaram-se do campo para fugir da violência depois de dois assaltos. Eles relatam a falta de ação governamental para conter a criminalidade. Jesui faz um relato parecido de preocupação com a violência, mas em seu apelo pede que os órgãos governamentais lhes ajudem a cuidar porque cada um fazendo sua parte “a gente vai chegar lá”. Vagner, o produtor de óleo para a indústria cosmética, também indica os problemas logísticos de acesso como o principal gargalo para se chegar à Amazônia e para a consolidação dos negócios na região. Do ponto de vista discursivo, há um reforço constante da série da condição de vulneráveis seja pela situação econômica, seja pela exposição à violência, que é tensionado pelas falas dos sujeitos entrevistados ao convocarem a coletividade dos amazônidas como agentes tanto dos processos de proteção e sustentação da floresta, quanto como produtores de renda e alimento. Bartolomeu, por exemplo, salienta a importância da agricultura para a produção de alimentos e a sobrevivência humana na terra.

Ao abordar a transição tecnológica na extração do pau-rosa e a parceria com empresas de cosméticos como a Natura e a Chanel, o oitavo episódio explicita a dimensão política da bioeconomia. A substituição da derrubada pela extração foliar é apresentada como evidência

de que ciência e saber tradicional podem convergir para modelos menos predatórios. Ainda assim, permanece a questão sobre quem controla a cadeia de valor e onde se concentra o lucro. A crítica de Lauro Barata à exportação de matéria-prima sem agregação tecnológica tensiona a narrativa otimista e recoloca o problema estrutural do desenvolvimento regional. É um questionamento que tensiona também a questão do saber: se há na série uma promessa de priorizar o saber dos personagens locais, não são raros os momentos em que especialistas e dados técnicos ganham espaço central. No nono episódio, a presença do climatologista Carlos Nobre é uma marca dessa ação jornalística. A centralidade dos amazônidas se dilui em gráficos e projeções globais. Essa mudança revela a dificuldade do jornalismo audiovisual em equilibrar expertise científica e protagonismo local. Embora o episódio seja fundamental para contextualizar a gravidade da crise, ele se aproxima mais da lógica tradicional da cobertura climática, centrada em especialistas climáticos, do que da proposta inicial de subjetivação territorial. A ausência da pergunta final dirigida aos amazônidas em todos os outros episódios é sintomática desse deslocamento.

No episódio sobre o açaí, em especial, a edição intercalada entre imagens de 2019 e de 2025 é constante, construindo uma espécie de comparação entre a vida que pai e filho levavam antes e no agora daquela segunda reportagem. Em todos os episódios, essa comparação destaca, de modo especial, a passagem do tempo para os personagens entrevistados por Victor Ferreira (Figura 6).



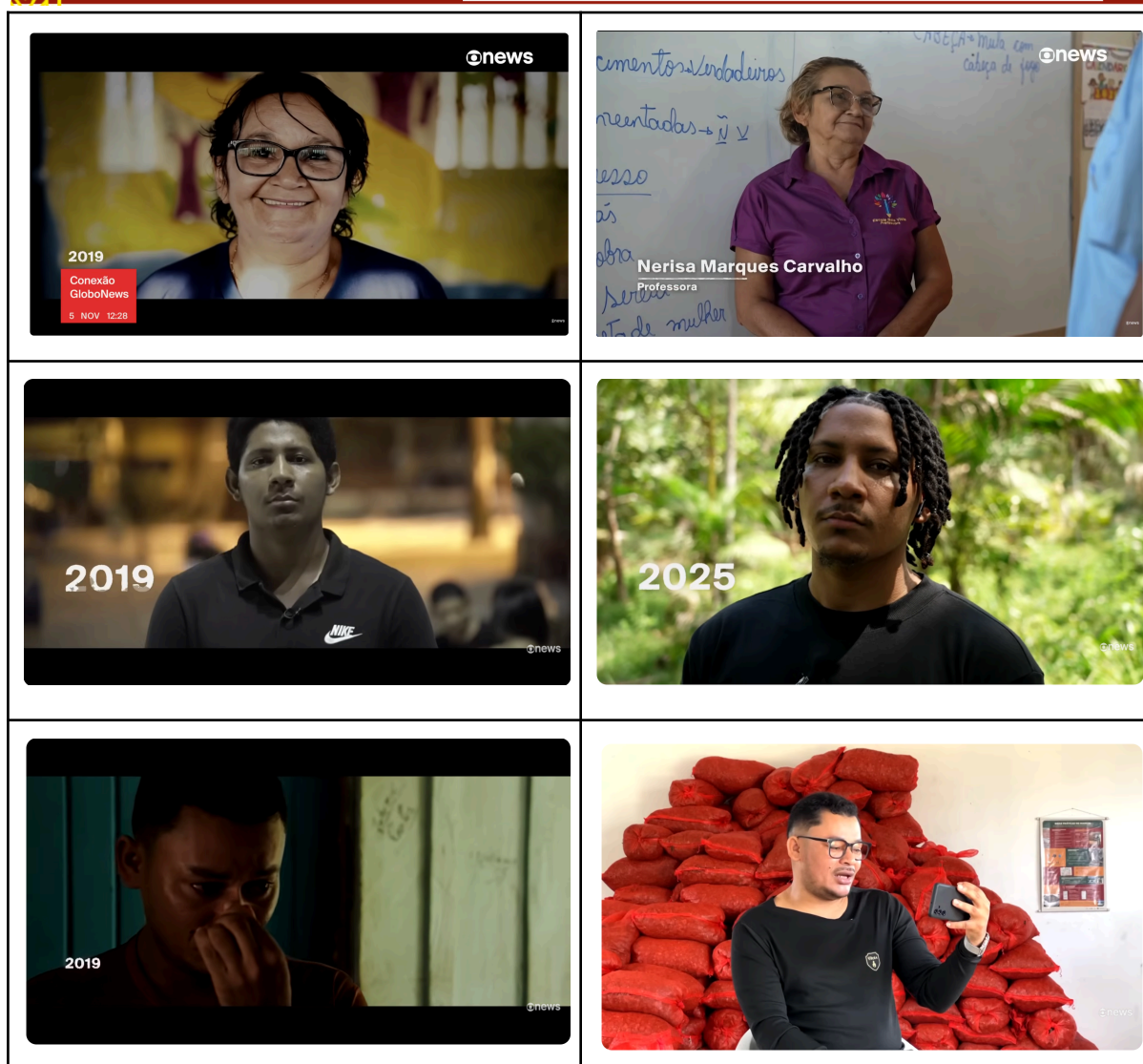


FIGURA 6 – Imagens da série Amazônidas
FONTE - Youtube

Entre os personagens destacados nessa revisita, surge Sumano Euler, rapper. Em 2019, Sumano relata ao repórter que começou a fazer rap a partir da referência de Mano Brown, e que falava no início de uma experiência urbana, de criminalidade, que não fazia parte de seu entorno. Foi então que começou a falar de sua comunidade, do rio que era rua, e descobriu que a sua experiência também fazia sentido na relação com o gênero musical que lhe coloca em diálogo com outros espaços e experiências de vida. Em 2025, Victor Ferreira encontra Sumano em sua casa, com seus pais. Ele toca pro repórter, enquanto os pais observam, a música que compôs em homenagem à sua mãe: “Eu quero te dar tudo o que eu posso, ser tudo o que eu posso. Eu sonhei com a facu, me disseram não pode, eu quis fazer rap, disseram não pode, eu trouxe um diploma e um álbum pros nossos, mas não preciso provar o

que posso, dificuldade rimando com ódio, subestimaram os artistas do norte”. Sua mãe, na sequência, argumenta que “essa música não é apenas uma resistência campesina, mas ela é a fluência do amor familiar. Retrata um compromisso de mãe pra filho e de filho pra mãe”. Quando perguntado por Victor sobre o que acha que pode ficar de legado de COP 30 para a população da Vila Menino Deus (PA), sua região de origem, ele responde: “A gente tem um conhecimento histórico de que quase sempre as visões voltadas para Amazônia é de uma perspectiva da Amazônia vazia, sem pessoas, da floresta, do que eles chamam de recurso, que pra nós é o nosso meio de sobrevivência, nosso território, onde a gente sempre existiu. Mas a gente tem alguma esperança sim, especialmente através dos movimentos sociais que existem por aqui pela Amazônia de que através de algumas pressões de fato fique algum legado, principalmente no que diz respeito à manutenção da floresta em pé, ao cuidado com nossos rios, à redução e à reparação nas formas de se minerar, principalmente aqui na região amazônica.” Sumano encarna, na estratégia discursiva da série, o sujeito amazônida que ecoa as definições da abertura que se repete a cada episódio: o amazônida é forte, potência, guardião da floresta, resistência e esperança. A esse amazônida é dado o direito de falar da floresta, de reivindicar um saber sobre o território que é construído no viver cotidiano, na relação com a terra alimentada pelo tempo da existência do sujeito. Nesse sentido, o Sumano de 2025, assim como os outros personagens entrevistados, são enquadrados a partir de uma perspectiva que dá ênfase a uma espécie de sabedoria acumulada – em 2025 são sujeitos mais sábios que em 2019, mais experientes.

A dinâmica entre experiência e esperança, passado e futuro, se revela em uma outra característica observada na série: a presença de crianças não apenas como figurantes de um mundo dominado por adultos, mas como pessoas que podem ser ouvidas e creditadas com nome e sobrenome (Figura 7). As imagens de crianças são constantes em todos os episódios, desde a abertura, mas chama a atenção a sua convocação como fontes: Ladislau Sousa da Costa, de 10 anos, relata sua percepção sobre a mudança da escola no interior de Santarém; Helena Rosa Viana, estudante, conta da dificuldade de chegar à escola depois que o ensino foi centralizado em sua comunidade em uma unidade escolar específica. São significativas também as imagens de crianças brincando, sorrindo, à vontade do território que habitam, como a sequência de crianças pulando no rio no primeiro episódio (Figura 7). No texto que segue a essas imagens, Victor Ferreira encerra a reportagem: “Em todos os lugares onde a gente tem passado eu pergunto pros amazônidas que soluções a Amazônia tem pra oferecer

pro mundo pra enfrentar a crise climática, mas agora, deixando aqui a comunidade de São Tomé, a pergunta que precisa ser feita é outra: que soluções o Brasil tem pra oferecer não só para a crise climática, mas para as pessoas que vivem aqui”.

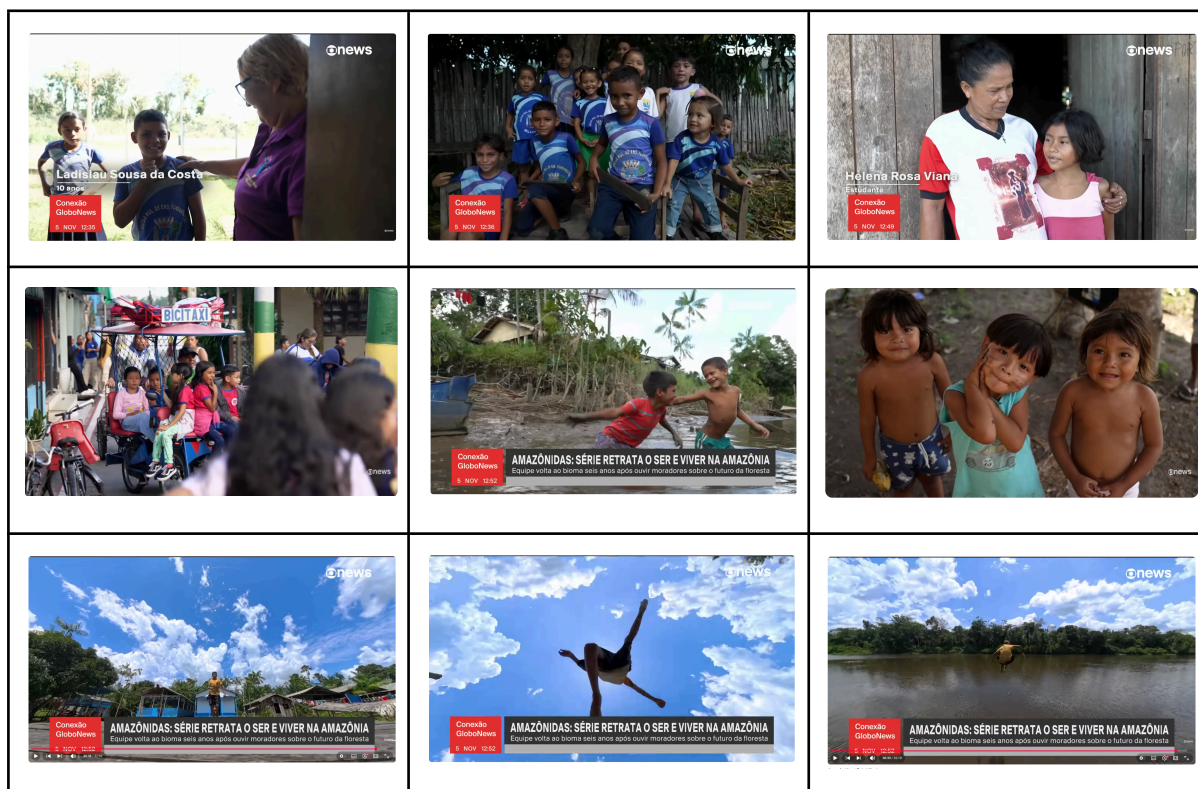


FIGURA 7 – Imagens da série Amazônidas
FONTE - Youtube

Na fala do repórter que fecha o primeiro episódio enquanto abre espaço para a sequência da série, se revela algo interessante: a presença de uma percepção de que a Amazônia, pela sua abundância, pode oferecer soluções para o clima, mas as pessoas, ainda que carregadas de uma experiência ligada a esse território, precisam ser ajudadas. Em que pese o fato da responsabilidade do Estado, do ponto de vista discursivo, é interessante perceber o esvaziamento como operação. Essa operação se concretiza na longa narrativa do episódio e da série, que privilegia a fala de especialistas sempre que possível, construindo o olhar do amazônida, quase sempre, como um outro, um brasileiro estrangeiro em seu próprio país. A convocação da ideia de que há uma série de problemas enfrentados por essas pessoas e quem precisa oferecer solução é o Brasil, oblitera uma compreensão de que ainda que pese a carência de recursos, essas pessoas são, como argumentou o médico Eugênio, “muito guerreiras, muito batalhadoras” – sustentaram de pé uma escola sem recursos por anos. Mais

do que isso, o Brasil que precisa oferecer soluções parece não ser a pátria gentil dessa população que, se não é parte da resolução, não é parte do país.

No décimo e último episódio, o eixo dos sujeitos é retomado no reencontro com as Repórteres da Floresta e o jornalista Jo Fernandes Farah engajado na preservação do igarapé Água Branca. A fala que critica a profusão de simpósios e convoca à ação direta sintetiza a tensão entre discurso institucional e prática cotidiana. Ao mesmo tempo, essa crítica pode produzir uma leitura simplificada do papel das COPs, como se fossem apenas espaços retóricos. A série sugere a importância das decisões multilaterais do clima, entretanto, não as explica de forma didática, o que limita a compreensão do público sobre os mecanismos que conectam negociações globais a realidades locais.

No plano imagético, *Amazônidas* constrói um regime visual que integra sujeitos e natureza. Rios, florestas e rostos aparecem articulados, o que reforça a ideia de que não há separação entre humanidade e ambiente. Diferentemente de coberturas que exibem a crise por meio de geleiras distantes ou catástrofes, a série privilegia cotidianos e relações. Esse recurso fortalece o argumento de que os amazônidas não são apenas vítimas, mas sujeitos de saberes valiosos para enfrentar o colapso climático. Todavia, a concentração geográfica no Pará e Amazonas, o Amapá aparece de forma breve, e a ausência de estados como Roraima, Acre, Rondônia, Tocantins e outros estados pertencentes à Amazônia legal, revela limites de representatividade. A pluralidade amazônica é parcialmente contemplada, e determinados grupos, como comunidades quilombolas, permanecem pouco representados. A categoria “amazônida” funciona como dispositivo de unificação identitária, mas corre o risco de homogeneizar diferentes povos e comunidades tradicionais.

Considerações finais

A nossa observação da cobertura da COP 30 no Brasil revela uma mudança no modo como as mudanças climáticas têm sido notícias saindo da chave de cobertura a partir de eventos trágicos e permitindo um olhar a partir da relação das pessoas com o clima no cotidiano. O enquadramento mais comum, contudo, continua sendo aquele que indica as pessoas ora como vítimas dos desastres ambientais e da falta de ações de prevenção, ora como os grandes responsáveis pelas transformações que colocam o planeta em risco. Um

mapeamento inicial de séries veiculadas nos telejornais nacionais foi capaz de oferecer pistas bastante relevantes sobre como essa lógica continua presente. Ao deslocar esse enquadramento do cotidiano para a floresta amazônica, a série *Amazônidas* opera uma inflexão relevante na cobertura audiovisual por ocasião da COP30 ao recentrar o debate climático nos sujeitos e territórios, reconhecendo a floresta como espaço habitado. Suas estratégias narrativas, retratos, reencontros, ênfase no cotidiano produzem identificação e reconhecimento, mas, ao mesmo tempo, recaem em uma construção de distanciamento que posiciona o território da floresta e seus habitantes como brasileiros que precisam ser salvos e ao mesmo tempo estrangeiros em relação a um país tão grande e diverso. Ao afirmar que os amazônidas são sujeitos de saberes valiosos, a produção amplia o horizonte discursivo da cobertura, contudo, ainda enfrenta o desafio de integrar, de maneira mais pedagógica e abrangente, a dimensão estrutural das negociações climáticas globais às realidades vividas em território amazônico.

Há uma posição de outro que se constroi mesmo quando posicionada pelo discurso jornalístico como parte da identidade nacional: o repórter performa proximidade, contato, mas não se mistura, ele é ali um mediador entre os saberes do povo da floresta e um país que precisa escutá-los. No episódio em que entrevista as “repórteres da floresta”, esse distanciamento se evidencia: “eu sou Victor, o repórter da cidade”. Do mesmo modo, percebe-se um deslocamento constante dessa percepção sobre os amazônidas como parte do país ou como uma parte com a qual o país se relaciona, sobretudo a partir das falas de pessoas de fora e de dentro do território. Observamos, contudo, que a ação jornalística reforça uma outrificação, um olhar para o amazônida como um estrangeiro: os amazônidas, na fala final de Victor Ferreira, surgem como os brasileiros que o mundo pôde conhecer a partir da COP e ao mesmo tempo como o exemplo a ser seguido, aqueles que há gerações salvam o planeta do colapso climático.

Apesar disso, é na fala dos personagens da Amazônia que os modos de vida da floresta se revelam a partir daqueles que não são apenas cientes de sua condição como sujeitos de direitos, mas, sobretudo, como agentes cujas ações dialogam com saberes locais, específicos. É Sumano que diz nos minutos finais do último episódio: “São os amazônidas que mantêm a floresta em pé, a gente também é floresta, na realidade”. A visualidade construída pela série dialoga com essa compreensão de uma interação entre os povos e seu entorno natural, mas ao fazê-lo a partir de uma exibição das cidades, dos entornos urbanos,

evita uma exotização desses sujeitos como seres mágicos, folclóricos, sobrenaturais ou associados ao atraso. A habitação da Amazônia aparece como condição para a preservação e o coletivo como grande entidade de ação protetora – um coletivo feito de pessoas, de uma terra habitada. Essa urbanidade, por sua vez, se apresenta fora do regime visual consolidado sobre cidades e mostra um espaço urbano de outro tipo, uma urbanidade constituída não só de cimento, mas cercada de água.

Ainda que os marcadores de vulnerabilidade, a construção do amazônida como um outro e de um discurso que clama pela tutoria do Estado sejam constantes ao longo dos dez episódios, a série da Globo News faz, sobretudo, uma aposta na diversidade de sujeitos capazes de ação que habitam a maior floresta tropical do mundo: a professora que luta por melhores condições para seus alunos e tem 4 formações de ensino superior; o jovem que mesmo tendo que deixar de estudar para cuidar do pai conseguiu progredir com um trabalho como ajudante de padeiro; os profissionais que extraem da floresta seu sustento manejando a possibilidade de mantê-la de pé; o rapper que fala de uma realidade difícil e desigual construindo esperança pro futuro. Além de habitar o território amazônico, esses sujeitos habitam também o tempo. A sua ação no passado e no presente constroi a possibilidade de um futuro, é essa a responsabilidade que lhes é atribuída e é nesse sentido que a sua agência é valorizada. Habitar um mundo em que se age estabelece relação com a passagem do tempo e tira o sujeito de um presente absoluto. Uma das repórteres da floresta dá forma a essa compreensão: “A gente tá fazendo história, o nosso avô fez história pra gente estar aqui hoje e agora é a nossa vez de dar continuidade para que os nossos pequenos tenham mais oportunidades ainda do que a gente”. Essa esperança, construída pela série como seu discurso de encerramento a partir das falas de seus personagens, sai da lógica de fim iminente tão comum na cobertura das questões climáticas. É na lógica de cada um fazer a sua parte que a série encerra.

Referências

AZEVEDO LUÍNDIA, Luiza Elayne; CORRADI, Analaura. Uso de Noticiabilidade e Espetacularização: MUDANÇA Climática - COP 15 E RIO+20 | Newsworthiness and Spectacularization Use : Climate Change - COP 15 AND RIO + 20. **Razón y Palabra**, [S. l.], v. 17, n. 3_84, p. 178–197, 2013. Disponível em: <https://revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/373>. Acesso em: 20 fev. 2026.

COSTA, Vânia. A Amazônia “nossa” de cada dia no jornalismo de televisão. Revista Intertexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 52, e- 91822, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/91822>. Acesso em: 23 de fev.2026.

DATA FOR GOOD; QUOTACLIMAT; SCIENCE FEEDBACK. Mapping climate disinformation in French and Brazilian mainstream media: report. 2025. Disponível em: <https://quotaclimat.org/en/actualites/mapping-climate-disinformation-in-french-and-brazilian-mainstream-media/>. Acesso em: 20 fev. 2026.

DELEVATI, A. da S.; AMARAL, M. F. Miradas cruzadas: os campos científico e jornalístico na cobertura de desastres climáticos. Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, [S. l.], v. 12, n. 23, 2013. DOI: 10.5902/217549779046. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/9046>. Acesso em: 20 fev. 2026.

HERTE DE MORAES, Cláudia. A mudança climática no enquadramento discursivo da revista Época. Desenvolvimento e Meio Ambiente, [S. l.], v. 40, 2017. DOI: 10.5380/dma.v40i0.49071. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/49071>. Acesso em: 20 fev. 2026.

LOOSE, Eloisa Beling; DE MORAES, Cláudia Herte; MASSIERER, Carine. COMUNICAÇÃO DE RISCOS E DESASTRES VERSUS COMUNICAÇÃO PARA MITIGAÇÃO E ADAPTAÇÃO: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS PARA AVANÇAR NO ENFRENTAMENTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS. In: RODRIGO-CANO, Daniel; MANCINAS CHÁVEZ, Rosalba; FERNÁNDEZ RIAL, Rogelio. **La comunicación del cambio climático, una herramienta ante el gran desafío**. Madrid: Dykinson, 2021 - 353 p. Disponível em: <https://digital.casalini.it/9788413776439> Acesso em: 20 fev. 2026.

LOOSE, Eloisa Beling. Jornalismo de soluções e mudanças climáticas: estudo sobre a cobertura da mitigação no site brasileiro G1. IN: **La comunicación de la mitigación ante la emergencia climática**. Sevilla: Egregius, p. 89-108, 2019.

AMARAL, Márcia Franz; ASCENCIO, Carlos Lozano. Palavras que dão a volta ao mundo: a personalização das catástrofes na mídia. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 130, p. 243-258, 2015.

PINHEIRO, Marta de Araujo. Catástrofes ambientais na mídia: narrativas das chuvas de 1966 e 2. **Mídia e Cotidiano**, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 67–83, 2015. DOI: 10.22409/ppgmc.v7i7.9753. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9753>. Acesso em: 20 fev. 2026.

VAZ, Paulo; RONY, Gaelle. Políticas do sofrimento e as narrativas de catástrofes naturais. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 212–234, 2011. DOI: 10.15448/1980-3729.2011.1.8808. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/8808>. Acesso em: 20 fev. 2026.